

## O rap e seus aspectos sócio-musicais

*Vânia Malagutti Fialho*  
*Universidade do Estado de Santa Catarina*  
*vaniamalagutti@hotmail.com*

**Resumo.** O presente trabalho tem como objetivo analisar os aspectos socio-musicais do rap. Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve como eixo o tripé: televisão, cultura hip hop e educação musical. Os dados aqui trazidos são com base na fala de vinte grupos de rap das periferias de Porto Alegre, Guaíba e Alvorada. A coleta de dados foi fundamentada nos estudos culturais e desenvolvida através de entrevistas semi-estruturadas, observações da atuação desses músicos e registros fotográficos e audiovisuais. Os resultados mostram que, para os grupos entrevistados, o rap é ao mesmo tempo uma expressão artística, política e ideológica, que apresenta e expressa as experiências vividas na periferia.

**Palavras-chave:** rap, juventude, temas sociais.

### 1- Introdução

Essa comunicação aborda os aspectos socio-musicais do rap a partir de dados que obtive na realização da pesquisa intitulada “*Hip Hop Sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical*”<sup>1</sup>. A coleta de dados foi no período de abril a agosto de 2002 e as técnicas utilizadas foram: entrevistas semi-estruturadas, observações e registros fotográficos e em audiovisuais. Os participantes da investigação foram vinte grupos de rap e a equipe de produção do programa televisivo *Hip Hop Sul*<sup>2</sup> (TV Educativa – RS), *locus* da pesquisa.

O rap é um estilo musical composto, basicamente, pelo *MC* e pelo *DJ*. O *MC* caracteriza-se como o poeta cronista da periferia, que por meio de suas rimas canta a sua história e a realidade dos guetos. Já o *DJ* é o músico que manipula discos de vinil e/ou discos compactos, fazendo intervenções musicais por processos eletrônicos, como

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado defendida em abril de 2003 no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Jusamara Souza.

<sup>2</sup> O programa televisivo *Hip Hop Sul* está no ar desde junho de 1999 e caracteriza-se por divulgar a cultura hip hop através da apresentação de grupos de rap, grafiteiros, dançarinos de *Break* e *DJs*.

colagens, aceleração e desaceleração no andamento e ecos (Contador e Ferreira, 1997). É o *DJ* quem compõe a base instrumental para o *MC* cantar.

O *MC* e o *DJ* são parte da cultura hip hop. Essa cultura caracteriza-se como movimento juvenil que historicamente nasceu no bairro do Bronx, em Nova Iorque, no final da década de 60. Atualmente, o hip hop, é um fenômeno em diferentes metrópoles mundiais (Silva, 1999). Além do *MC* e do *DJ*, essa cultura, engloba duas outras expressões artísticas: o grafite, expressão plástica, e o *Breakdance*, que é a dança característica do hip hop, também conhecida como “dança de rua”.

Ao tratar dos músicos que fazem rap cabe esclarecer uma distinção que faço entre *MC* e *rapper*. O termo *MC* é empregado para definir o músico que canta suas próprias composições, e *rapper* para o que canta a composição de um colega do grupo, o que não escreve letras. Essa distinção não foi encontrada na literatura, porém é corrente entre os músicos entrevistados.

## **2- A letra do rap**

Para os grupos entrevistados, o rap constitui-se em uma expressão artística através do qual os *MCs* relatam poeticamente a condição social em que vivem, e retratam suas experiências cotidianas. Nesse sentido os *MCs* escrevem sobre, por exemplo, drogas, violência, crimes, política, pobreza, preconceito, discriminação, falta de perspectiva no futuro, relação com a polícia. Mas falam também da amizade, do espaço físico de onde moram e da esperança de um mundo melhor, da paz.

A abordagem de tais temas faz do rap uma expressão polêmica e o constitui como um estilo provocador. Para Contador e Ferreira (1997, p. 68) “o rap é provocação. É provocação quando fala do gueto, é provocação quando fala da polícia, é provocação quando fala de racismo, é provocação quando fala de discriminação sexual”. Segundo esses autores essa música é “a voz das minorias que não se cala às diferentes discriminações a que estão sujeitas”, tornando-se “uma voz importante na forma de expressão de uma juventude essencialmente urbana” (ibid. p. 133).

Para Shusterman (1998, p. 153), o rap “se situa orgulhosamente como uma ‘música de gueto’”, e ocupa essa posição porque “trata de temas universais como a injustiça e a opressão”. As entrevistas com os grupos confirmam essas colocações:

*JJ*: A gente pede paz, assim nas letras que a gente canta, fala também sobre os problemas sociais: fome, pobreza, miséria que o povo passa. A gente toca muito nesse assunto e pede sempre bastante paz.

*Thiago*: Paz, direitos iguais, consciência, atitude não só de uma pessoa, mas de todos também, porque um povo é que faz a nação, e é isso que a gente procura (Grupo Elemento B).

Ainda sobre as temáticas *MC* Baze declara: “só não escrevi sobre amor ainda, o resto já sobre tudo”. Letras de rap envolvendo romances e amor são raras. Isso porque, para esses músicos, o objetivo principal do rap é conscientizar e informar a periferia da sua realidade e do espaço que ocupa na sociedade, assim como fornecer dados para que seus moradores possam reverter situações com as quais não estão satisfeitos. Para *DJ Jota Pê* o rap

tem que expressar a realidade que acontece na periferia, né, por exemplo, tu não tem que rebolar, tu não tem que ah...tu tem que te expressar sério, falar sério o que tá acontecendo, não dando risada, não...entendeu. [...] Tu tem que tá com o microfone na mão, o microfone na mão é uma arma, cada palavra que tu pensa tu engatilha, e quando tu saltas pra ela, tu tá disparando. Pra mim a música, o rap, tem que ter uma boa base, uma boa instrumental e principalmente um bom conteúdo (*DJ Jota Pê*).

O “bom conteúdo” está relacionado a temas considerados sérios, ou seja, referentes as experiências cotidianas da periferia. Talvez por tratar-se de temáticas que são vivenciados pelos próprios compositores de rap, são raros os *MCs* que cantam músicas de outro grupo. Dessa forma eles interpretam sempre sua própria composição.

Sobre isso Silva (1999, p. 31) escreve que “no rap a mensagem é sempre pessoal<sup>3</sup>, por isso os rappers<sup>4</sup> se recusam a cantar músicas de outros rappers, mesmo que tenham alcançado destaque na indústria fonográfica”. Esse autor complementa que “a atitude *cover* é na visão dos rappers um indicativo da incapacidade em construir uma mensagem própria”. Assim, “para os integrantes do *hip hop* o fundamental é elaborar uma mensagem pessoal” (Silva, 1999, p. 31).

<sup>3</sup> “Pessoal” é usado aqui com o sentido de “próprio”.

<sup>4</sup> Aqui entendido como sinônimo de *MC*.

### 3- Os aspectos sócio-musicais do rap

Dentre os aspectos sócio-musicais do rap está a responsabilidade que os *MCs* se auto-atribuem. Eles vêem o seu papel dentro da comunidade como uma missão, cujo compromisso é aumentar a estima da comunidade, as perspectivas para o futuro, a conscientização e alternativas de sobrevivência por meio do rap. “A gente tem compromisso de fazer isso daí, né. No momento que a gente se propõe a fazer esse tipo de música, a gente se propõe ensinar”, afirma *MC Bronx* .

Sobre a função social do rap Dayrell (2002, p. 128), afirma que um dos elementos que caracterizam esse estilo musical é justamente o fato de os músicos atribuírem “a si mesmos o papel de ‘porta-vozes’ da periferia”. Sendo assim a clareza, objetividade e sinceridade nas letras parece ser um aspecto importante: “não escrevo rap por escrever. Porque se você fizer uma letra, você tem que saber o que você vai falar, e qual é o objetivo de você mandar essa letra” (*MC Nego Moura*).

O que o *MC* busca, “além do entretenimento, é fazer um discurso com uma linguagem acessível para informar e tentar ampliar a consciência de uma parcela da juventude negra” (Tella, 1999, p. 63). Nesse intuito muitas vezes os *MCs* utilizam recursos como analogias, na tentativa de facilitarem e aproximarem sua mensagem da realidade do seu público alvo. Isso pode ser exemplificado na descrição que *MC Mano LS* fez de uma de suas músicas enquanto a ouvimos, durante uma entrevista:

Essa música aí, né, não sei se tu tá por dentro, tem uma droga aí que tá em destaque, que é o craque mesmo. E é o seguinte, através dessa música a gente tá tentando mostrar que o rap pode te dar um baque bem maior do que essa droga aí. Se tu te encarnar e te mostrar mesmo e ter força de vontade, tu podes conseguir um efeito, um ibope bem maior do que pela droga (*MC Mano LS*).

A preocupação em transmitir mensagens consideradas positivas para a comunidade parece estar relacionada diretamente com a própria experiência desses músicos com o rap. Em todos os grupos entrevistados fica evidente que antes de produzir rap eles eram consumidores dessa música. À medida que foram passando, gradativamente, de consumidores para produtores houve uma transformação significativa em suas vidas, segundo seus depoimentos. Muitos contam que antes de estarem na

cultura hip hop, fazendo rap, eram usuários de drogas. Outros praticavam crimes, como assaltos à mão armada e narcotráfico. Nessa realidade o rap surgiu como uma alternativa, onde foi possível deixarem as drogas e o crime trocando-os pela música. Esses músicos atribuem ao rap o seu desligamento “das coisas negativas”:

O rap naquela época me deu suporte, era a única coisa que tinha naquele momento pra me segurar. Ou me segurava nele ou não tinha mais nada pra mim. Se eu não me segurasse nele dali pra frente ia ser o que Deus quisesse, eu não tinha mais nada a perder, entendeu. O rap foi... eu me segurei nele, era a única coisa que tinha de real naquele momento (*MC Oxy*).

Esse *MC* conta que no momento em que começou a ouvir *essa* música, começou também a refletir sobre sua condição de usuário de drogas e seu envolvimento com o crime. A reflexão e a relação que estabeleceu com o rap, concretizaram em uma mudança de vida.

A crença de que o rap pode ajudar a comunidade leva os *MCs* a se preocuparem em transmitir informações de fontes seguras. Assim, eles lêem e pesquisam para compor suas letras. *Rapper* Aline conta:

O Fábio [*MC*] quis fazer uma música pros 500 anos, [do Descobrimento do Brasil] [...] ele teve que estudar muito pra não falar besteira. Quis fazer um rap do João Cândido, também teve que comprar um livro e estudar mais a fundo pra poder escrever a letra, porque não é só rimar. É falar realmente a verdade. Então teve que estudar muito pra falar a verdade. E através da música que ele fez, falando do João Cândido, muitas pessoas que nunca tinham ouvido falar... começaram a conhecer mais a história do João Cândido (*Rapper* Aline).

O cuidado com as letras do rap reforça o seu papel – ou o que lhe atribuem – de informar, debater, discutir, reivindicar e denunciar os temas que lhe são pertinentes. Isso, segundo Duarte (1999, p. 19), faz com que essa música desempenhe “funções que a literatura tem nas sociedades letradas, e o faz sem demarcar espaços de separação entre o produtor ‘autorizado’ do texto literário e o consumidor deste”. Para essa autora, o *MC* “torna-se o *literato*, no sentido exato da palavra, conquistando o direito de se exprimir pela palavra” (ibid. p. 19).

#### 4- Breves considerações

Nesse trabalho procurou-se trazer aspectos socio-musicais do rap, enfocando os temas que tratam e as funções sociais que exercem, ou que seus músicos lhe atribuem. As temáticas e o papel do rap nas comunidades estão intimamente ligadas às situações sociais contemporâneas. Talvez por isso esse estilo musical é um dos mais consumidos pela juventude, principalmente as das periferias dos grandes centros, que na maioria é composta por negros.

Para Kitawana (2002), os *MCs* ocupam, hoje, os espaços dos intelectuais negros, que segundo ele não tiveram sucesso ao tentar explicar as manifestações artísticas e sociopolíticas da “juventude negra atual”. De acordo com o autor, esses intelectuais “fracassaram ao tentar criar um diálogo que levasse em conta teorias plausíveis para abranger a psique coletiva da comunidade”. O que está sendo feito com louvor pelos *MCs*, segundo Kitawana (2002).

A posição que esses músicos ocupam atualmente pode ser entendida com base nas análises de Rose (1997, p. 211). Essa autora explica que em um primeiro momento os temas do rap eram “articulados em manifestações livres e para um público incontido”. Com o amadurecimento dessa música e da própria cultura hip hop, as abordagens temáticas começaram a produzir diálogos “internos e externos que afirmaram as experiências e identidades dos participantes ao mesmo tempo em que [a música] oferecia uma crítica social mais abrangente, dirigida tanto a comunidade hip hop como à sociedade em geral”.

#### Referências Bibliográficas

CONTADOR, António Concorde e FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia – os caminhos do rap*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n.1, p. 117–136, 2002.

DUARTE, Geni Rosa. A arte na (da) periferia: sobre ... vivências. In: ANDRADE, Elaine Nunes. *Rap e educação – Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. p. 13 – 22.

FIALHO, Vânia Malagutti. O programa televisivo Hip Hop Sul e suas funções pedagógico-musicais. In: XI ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Anais, Natal, ABEM, 2002, p. 689–706.

KITWANA, Bakari. A geração hip hop. In: PERES, Marcos Flamínio. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 18/08/2002. p. 4 – 9.

ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 90 – funk e hip hop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 191 – 213.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e Educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes. *Rap e educação – Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. p. 23 – 38.